

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 30

Data: 24.01.82

Pg.: \_\_\_\_\_

### Indigenista afirma que ordem de missão partiu de Goiânia

Apesar do delegado Ivan Baiocchi ter negado, em Brasília, junto à imprensa e ao presidente da Funai coronel Paulo Moreira Leal, as acusações contra o indigenista Paulo César da Silva, sobre plantio e tráfico de maconha na aldeia Galheiro, dos índios Kraô, ontem, Paulo disse em Goiânia, que Salim Costa e três agentes da Polícia Federal disseram que cumpriam ordens expressas de Goiânia.

Paulo, o indigenista Vicent Carelli e o antropólogo Gilberto Azanha chegaram anteontem à noite em Goiânia a fim de levantar todas as argumentações de Ivan Baiocchi para em seguida abrir um processo contra o delegado, pró calúnia e difamação já que o trabalho de Paulo na aldeia era de ajudar os índios na colheita das lavouras de arroz, já na iminência de perderem os cachos.

#### Esclarecimentos

Segundo Paulo, sua chegada na aldeia se deu no dia 24 de dezembro, quando o cacique João Canuto imediatamente levou o caso ao conhecimento do chefe do posto, Osmar Terena, dizendo que Paulo era seu convidado para que fosse iniciada a colheita. Na quarta-feira, dia 14, a aldeia estava em festa quando o funcionário da Funai, Salim Costa chegou de Araguaína com mais três agentes para prendê-lo. No caminho entre o posto e a aldeia, Salim chegou a dizer que se Paulo reagisse receberia um tiro e se os índios intervissem "acabariam com aquela reserva que foi criada pelos próprios brancos". Conforme depoimentos dos índios. Al teria começado a provocação aos índios, já que em 1941 os Kraô foram massacrados por grupos de fazendeiros e daí surgiu a reserva.

Quando Salim deu voz de prisão a Paulo, João Canuto entrou no meio

dos dois e explicou que não admitiria aquele desrespeito já que quem mandava em sua casa era ele. Os policiais foram desarmados e teve um início de tumulto na casa do chefe, onde sua mulher estava muito mal, com câncer ginecológico. Os funcionários da Funai e agentes da Polícia Federal foram levados para o grupo escolar da aldeia, onde apuraram que Salim havia saído de Goiânia com ordens expressas para ir a Araguaína e levar a polícia à aldeia "para prender Paulo e apurar a denúncia de plantio e tráfico de maconha". Após muita discussão os índios chegaram a um consenso de que Salim e a Polícia Federal deveriam cumprir a missão para a qual foram escalados. Na quinta-feira de manhã eles foram levados às lavouras e não encontraram nada. Então os índios explicaram que iam bater nos dois funcionários como se estivessem batendo em Ivan Baiocchi já que eles eram os seus representantes e portadores de suas mentiras. Disseram ainda, que a missão deles era baseada em acusações falsas. Todas essas conversas foram gravadas pelo chefe João Canuto e as fitas guardadas na aldeia.

Depois da surra, as lideranças indígenas de Cacheins e Pedra Furada, que se deslocaram para Galheiros com aproximadamente 150 índios, pediram que os policiais voltassem e fizessem um inquérito que refletisse a verdade, exigiram a presença do presidente da Funai, do delegado da Polícia Federal, do índio Marcos Terena e de um advogado. Durante os dias 15 e 16 o clima na aldeia foi tenso mas ninguém estava impedido de sair, disse Paulo. A especulação em torno da existência de reféns, segundo ele, teria sido maquinada por fontes oficiais, talvez para justificar uma possível ação posterior aos fatos no interior da aldeia ou contra sua pessoa. O clima ficou mais tenso ainda

quando Gilberto Azanha não chegou na aldeia no dia marcado. Os índios pensaram que ele tivesse sido preso e começaram a se preparar para enfrentar uma agressão por parte das autoridades, a exemplo do que ocorreu em 1941, quando 15 índios foram mortos. "Eles estavam preparados para morrerem todos ou mudarem de uma vez por todas o comportamento da delegacia regional", há muito reclamada por eles.

Aliado à tentativa de prisão de Paulo César, os índios ainda não haviam esquecido de um incidente em menores proporções surgido no Natal. O presidente da Funai havia ordenado que cada aldeia recebesse uma quantidade de farinha e uma vaca. Os funcionários - por sua vez passaram a utilizar dessas presentes como forma de obrigar os índios a trabalharem de graça na melhoria das instalações do posto-consertando estradas e outros serviços. Numa aldeia, aproveitando da ausência do chefe dos índios levaram toda a farinha. Quando o chefe retornou, se recusou a dar a vaca para o Natal, o que só veio acontecer 15 dias depois.

Além dessas denúncias, os índios fizeram inúmeras outras, comprometendo a administração de Baiocchi e que valeu a afirmação de João Canuto de que se ele tivesse ido à aldeia teria apanhado também. Um dos fatos mais graves considerados pelos índios são as formas de aplicação do dinheiro destinado para a aldeia e a falta de assistência médica. Há dois anos os médicos não vão ao local e uma índia teria falecido em decorrência desse desleixo.

Ao que tudo indica, as consequências pelo incidente registrado na aldeia no final da semana passada, vão recair sobre Salim. Em Brasília Paulo Moreira garantiu anteontem aos chefes Kraô que foram negociar uma paz duradoura.